

A JUVENTUDE E AS EXPECTATIVAS DE UMA (AUTO)REFERÊNCIA ADULTOCÊNTRICA

Tháiris Ferreira de Arruda

Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

thairis.16@gmail.com

Érika de Sousa Mendonça

Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco (UPE). Doutora em Psicologia pela

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

erika.mendonca@hotmail.com

RESUMO

A partir de uma compreensão de sentidos de juventude e maturidade atribuídos por jovens às suas experiências de vida, este artigo busca: questionar o olhar cientificista clássico da Psicologia que concebe as etapas de vida divididas em ciclos lineares, enquadrando os sujeitos em identidades instituídas e socialmente compartilhadas; e discutir como o público jovem ainda é pensado como um processo de desenvolvimento de capacidades e ajustes aos papéis adultos, o que nega ou restringe a pluralidade de significados possíveis de serem experienciados. Mediante uma oficina realizada com catorze jovens universitários, seguida de entrevistas individuais semiestruturadas com cinco dos participantes, os dados foram analisados a partir da Análise Temática de Conteúdo, o que visibilizou uma multiplicidade de sentidos atribuídos pelos jovens nos seus processos de reconhecimento, bem como expectativas e responsabilidades permeadas por essa lógica adultocêntrica. Discutir tais questões mostra-se importante diante da proposta de uma superação de visões de uma juventude associada a processos de imaturidade e irresponsabilidades, o que aponta a demanda de uma visão mais particularizada a respeito das experiências juvenis, concebendo o jovem como um ser singular e atuante nos seus processos de identificação.

Palavras-chave: Juventude. Maturidade. Desenvolvimento.

ABSTRACT

From the understanding about the meanings of youth and maturity attributed by youngsters to their life experiences, this paper aims to question the classic Psychology's scientific look that conceives the stages of life divided in linear cycles, classifying people into standard identities that are shared socially; and to discuss how the young public is still seen as a process of development of capabilities and adjusts to adult roles, what denies or restricts the plurality of possible meanings that can be experienced. Through a workshop conducted with fourteen

young university students, followed by individual semi structured interviews with five of the participants, the data were analyzed through Content Thematic Review, what made possible to achieve multiple meanings attributed by the youngsters to their recognition processes, as well as their expectations and responsibilities, permeated by this “adultcentric” logic. Discussing such questions is important in face of the idea of overcoming the view of a youth associated to acts of immaturity and irresponsibility, what points to a demand for a more particular idea about juvenile experiences, conceiving the young person as a singular human being that is active in its processes of identification.

Key-words: Youth. Maturity. Development.

1 INTRODUÇÃO

Teorias tradicionais da Psicologia do desenvolvimento tendem a organizar as etapas de vida reconhecendo infância, adolescência, juventude, vida adulta e velhice como períodos com marcadores físicos, cognitivos, afetivos e comportamentais específicos, que acompanham o indivíduo em sua trajetória. Essas teorias afirmam que, para cada faixa etária, existem formas específicas de se perceber e se portar diante do mundo, e que na idade adulta se alcança um completo grau de estabilidade e maturidade, atingindo-se o equilíbrio nos diferentes aspectos da inteligência, vida afetiva e relações sociais (BOCK, 2001).

Ao conceber o desenvolvimento dessa forma, os estágios demarcados focam nas transformações dos indivíduos de uma forma similar, como se houvesse uma ordem natural de maturação aplicada de modo semelhante a todos eles. Na procura por definições científicas do desenvolvimento humano, essa ideia institucionaliza o sujeito, colocando a idade como critério de sua localização no espaço-tempo, e, como reflete Müller (2005), estabelecendo comportamentos que acabam se tornando esperados para cada fase estabelecida.

Nesse contexto, as fases da vida acabam sendo enquadradas em expectativas socialmente compartilhadas quando, ao mesmo tempo em que se aposta em diferentes modos de subjetivação que levam em consideração os percursos e contextos de vida próprios de cada sujeito, enquadra-se e uniformiza-se esses mesmos sujeitos, interferindo em seus modos de ser e agir, controlando ou restringindo a produção de novos sentidos e experiências (SOUZA, 1996).

Há, portanto, uma exigência tanto explícita quanto subliminar de uma adequação aos padrões esperados e instituídos e, ao tomar somente o desenvolvimento como referência, cristalizam-se representações das etapas de vida, excluindo-se ou limitando o olhar para um sujeito que está em constante construção de si e imerso em um contexto de pluralidades, já que o mesmo

é produzido na intersecção com a cultura e, assim sendo, seu tempo será o presente, possibilitando a luta por uma ordem social pautada a um tempo pela diferença e pela singularidade” (VERONESE; LACERDA, 2011, p.42).

Diante de tais reflexões, o presente artigo, ao tomar a juventude como foco de atenção e buscar compreender os sentidos de juventude e maturidade atribuídos por jovens às suas experiências de vida, percebeu e questionou a forma como este público ainda é pensado como um processo de desenvolvimento de capacidades e ajustes aos papéis adultos, inclusive pelos próprios participantes da pesquisa, que se referenciam a partir de uma lógica adultocêntrica.

Acreditamos que tal perspectiva pode estar enraizada em um meio social que, desde a segunda metade do século XIX, tem estudado as juventudes associando-as a discussões que perpassam ou focam temas de preocupação social ligadas aos seus “aspectos problemáticos” como sexualidade, gravidez precoce, violência, delinquência, alheamento a questões políticas e de participação social (LÉON, 2005; MÜLLER, 2005; MENDONÇA, 2008).

A existência da referência adultocêntrica perpassa discursos sobre a juventude, percebendo-a como um processo de desenvolvimento problemático, com a conseqüente necessidade de uma integração ao mundo adulto responsável e “normal”. É deste modo que os jovens acabam sendo enquadrados em uma categoria social que precisa de intervenção e contenção de comportamentos que se desviem dessa “normalidade”, fazendo com que os mesmos não consigam ser “vistos, ouvidos e entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões além dos medos e esperanças dos outros” (ABRAMO, 1997, p.32).

A partir desta ótica, distintos estereótipos sobre a juventude são produzidos, o que impede que se enxergue a pluralidade de significados que perpassam o universo juvenil, como apontado por Sousa (2006). Porém, é uma perspectiva avessa que nos faz compreender que necessidades e possibilidades do mundo contemporâneo oportunizam projetos e estilos de vida que fogem a uma sequência tradicional de transição de idades, fazendo com que peculiaridades das histórias do jovem sejam mais decisivas no seu desenvolvimento, como refletem autores como Guerreiro e Abrantes (2005).

Este estudo concebe as fases da vida em uma perspectiva da Psicologia Social Crítica, em que, segundo Berni e Roso (2014), não busca negar momentos que são de fato particulares na trajetória de vida do indivíduo, mas enfatiza a necessidade de ponderar outras possibilidades de olhar para o sujeito que está em constante construção de si, mostrando-se importante se posicionar frente às práticas psicológicas que “ancoradas em procedimentos e técnicas ‘dados’ como científicos, tentam instituir e legitimar modos de ser juvenil” (BERNI; ROSO, 2014, p.132).

Tornam-se fundamentais, deste modo, estudar as juventudes não por aquelas características que elas ainda não têm – como serem pais ou profissionais – e sobre as quais há uma série de expectativas, mas a partir daquilo que já são e que podem ser por eles mesmos. O desejo de um prolongamento em uma condição juvenil, por exemplo, não precisa ser visto como uma falha no momento de transição à vida adulta, mas refletido enquanto alternativa do próprio jovem que escolheu para si tal posicionamento. Como nos apresenta Abramo (2005), isso pode representar um novo arranjo contemporâneo no qual essa condição pode ser vivida plenamente e com realizações, sem necessariamente estar ligada à dependência dos pais e suas prospecções de futuro.

2 METODOLOGIA

2.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida sob o viés do método qualitativo, que tem por intuito a construção de conhecimentos das razões e motivos que levam a diferentes crenças e atitudes dos sujeitos nas suas interações sociais o que, de acordo com Fraser e Gondim (2004), é o que se mostra de mais relevante em uma pesquisa social, cuja perspectiva também foi a assumida. De cunho exploratório, a pesquisa propôs-se a conhecer sujeitos e suas experiências relativas ao problema pesquisado para, assim, analisá-las à luz da bibliografia revisada (GIL, 2006).

2.2 Os interlocutores e o campo de pesquisa

Na busca por interlocutores que pudessem contribuir com o estudo, optou-se por realizá-lo no âmbito universitário, tanto pela facilidade de acesso das pesquisadoras ao local, quanto, e prin-

principalmente, por encontrarmos na Universidade grande quantitativo de pessoas na faixa etária demarcada. Desta forma, quatorze jovens de diferentes cursos universitários foram convidados a participarem, recebendo informações sobre a pesquisa e os cuidados éticos em sua condução. Além disso, a faixa etária foi levada em consideração ao optarmos por jovens entre 18 e 24 anos, tendo como referência o instituído pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.852/ 2013), que estabelece como jovens as pessoas dos 15 aos 29 anos de idade.

2.3 Processo de construção dos dados

As discussões aconteceram, em um primeiro momento, no contexto de uma oficina de atividades reflexivas realizada com os quatorze jovens. Tal ferramenta metodológica identifica-se como um instrumento de pesquisa que oportuniza os sujeitos a refletirem e transformarem suas opiniões a partir da diversidade dos pontos de vistas expostos no grupo (CORDEIRO; MENEZES; CASTRO, 2002). Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas individuais de caráter semiestruturado com cinco dos jovens que participaram da oficina e mostraram-se interessados e disponíveis a aprofundarem os debates iniciados grupalmente.

Visando à garantia da fidedignidade das suas falas, foi usado o recurso de gravador de áudio, conforme suas autorizações e, em seguida, foram realizadas transcrições literais do áudio para posterior análise. Para produção do artigo, nomes fictícios resguardam o anonimato dos participantes.

Com as informações colhidas em ambos os contextos de produção, as transcrições das narrativas foram iniciadas e, posteriormente, procedeu-se a uma análise temática que, segundo Bardin (1977), busca identificar os núcleos de sentido presentes no conteúdo que será analisado, fazendo emergir possíveis indicadores de análise. A partir disso, seguiram-se as etapas de: Pré-análise, que consiste na leitura do material selecionado procurando atingir níveis mais profundos dos conteúdos analisados; exploração do material, que “divide” o material em núcleos de sentido e categorias semelhantes; e, enfim, o tratamento dos resultados que faz com que:

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 1977, p. 101).

3 DISCUSSÃO

3.1 Juventude: entre a transitoriedade e a responsabilidade

Para autores como Almeida e Cunha (2003), e Mendonça (2007), algumas teorias do desenvolvimento - enfatizando estudos clássicos como os realizados por Freud, Piaget e Erikson - institucionalizam o processo de desenvolvimento humano em uma única direção, no momento em que definem normas e comportamentos de grupos sociais e os toma como verdades, estabelecendo critérios para a passagem de uma a outra fase da vida, tal como se dá entre o ser jovem e o ser adulto. Nessa forma linear de pensar o desenvolvimento, somente os indivíduos que conseguirem passar por cada uma dessas etapas e seguirem um “script da normalidade” (MAYORGA, 2006, p.4), conseguirão atingir a maturidade esperada.

À juventude, associa-se um olhar de transitoriedade concebendo-a como uma fase de vida marcada por dependência, enquanto, por outro lado, haveria uma fase adulta caracterizada principalmente pela autonomia. No olhar a tal transição, resultam diferentes marcadores sociais que estabelecem quando é que isso acontece de fato, sendo a chegada ao mundo adulto caracterizada por eventos como o casamento, o alcance de determinada idade, a entrada no mundo do trabalho, filhos, entre outros (MÜLLER, 2005).

Com o processo de análise das narrativas dos interlocutores da pesquisa realizada, tornou-se importante discutir o quanto a juventude ainda é pensada como esse processo de desenvolvimento de capacidades e ajustes aos papéis adultos e o quanto isso pode estar enraizado no meio social que acaba reproduzindo essa referência e remetendo a juventude a um lugar de não-responsável, descompromissado, imaturo.

É no momento em que os jovens vão adquirindo responsabilidades no seu dia a dia que vão se tornando gradativamente adultos: essa foi uma associação que permeou as falas dos jovens participantes do estudo e, principalmente, se tornou aquilo que, em suas argumentações, diferenciaria a juventude da fase adulta. O “ter responsabilidades” lhes é evocado como principal elemento de maturidade, conforme evidencia o seguinte trecho:

Não sou tão adulto porque se fosse pra se virar sozinho hoje eu não tinha como [...] eu acho que maturidade é você ter responsabilidade antes de tudo e saber se adequar a diferentes situações [...] é você realmente estar consciente do que você tá fazendo e de tudo que você vai fazer, eu vejo ter uma noção, ser responsável (Alan, 22 anos).

Para Müller (2005), dizer que o sujeito chega à vida adulta quando adquire responsabilidades (sejam elas do tipo ocupacional, familiar ou habitacional), ao mesmo tempo em que atribui a cada fase respectivos comportamentos, colocando os jovens em uma situação de dependência perante os mais velhos, diretamente identifica a juventude como um período de irresponsabilidade e a coloca em situação de transição para uma etapa que, na maioria das vezes, está pautada nas esperanças e expectativas da sociedade.

A autora nos leva a refletir, ainda, essa associação entre juventude e transitoriedade, e vida adulta e estabilidade, como fruto de pesquisas sociais que abordam a juventude justamente como uma faixa etária problema. Os jovens acabam sendo estudados por aquelas características que ainda não têm (como ser pais, profissionais, etc) ao invés de partir daquilo que já são e que podem ser. Do mesmo modo, e como observaremos na fala seguinte, a juventude foi associada a uma etapa de vida “despreocupada” e “descompromissada”, enquanto a responsabilidade é característica marcante de uma vida adulta/madura, segundo nossos interlocutores:

No momento, como eu tenho algumas responsabilidades, eu me sinto madura por isso e porque se eu as tenho é porque me puseram nelas porque eu era capaz. Então eu acho que eu sou madura o suficiente para arcar com elas e eu sou jovem porque eu ainda não cheguei lá não [...] eu gosto de curtir também né? (Laura, 24 anos)

A despeito de tais expectativas que associam a maturidade à responsabilidade e esta última a compromissos e eventos “típicos” de entrada no mundo adulto, destacamos a emergência de formas e estilos de vida que fogem a uma sequência tradicional de fases, citando aqui mudanças nos sistemas familiar e matrimonial, inserções profissionais tardias, prolongamento escolar, incremento do consumo, promoção do lazer e melhorias nas condições de vida que a prolonga e dá possibilidade à existência de diversas outras experiências (SOUSA, 2007). Nesta perspectiva, contextos normativos em que se impõem mudanças nas quais se assumem papéis “adultos” sofreram alterações, tendo ficado cada vez mais fluidos e diversificados.

Os jovens deste estudo apresentaram uma visão de juventude imbrincada nesse processo de transitoriedade quando, atribuindo sentidos às suas experiências como jovens ou adultos, ainda se referem a eventos fixos e a tomada de responsabilidade como o divisor de águas nesse processo. De certo modo, acreditamos que esse olhar pode assustá-los, fazendo com que desejem retardar a sua entrada nesse mundo “maduro” e, ao mesmo tempo, inibir os considerados adultos de adotarem estilos de vida tidos como de jovens – como morar com seus pais, não ter

filhos; ou até tomar decisões que impliquem em mudanças nas suas vidas – como sair de um emprego fixo ou terminar um relacionamento duradouro – no momento em que precisam corresponder a todos os ideais impostos de estabilidade.

3.2 “Lugar social definido” e as expectativas provocadas pela faixa etária

Pimenta (2007) ajuda-nos a refletir sobre o processo de construção de identidade social do indivíduo que acontece na interação e comunicação com os outros, considerando ser a partir disso que o sujeito se apropria subjetivamente de alguns dos papéis que lhes são atribuídos, aprendendo como desempenhá-los no dia a dia. Nessa perspectiva, o “ser adulto” se constituiria como uma forte categoria, socialmente disponível, para sua identificação.

Uma repercussão a ser refletida é que, no momento em que se enquadra a fase adulta como período de estabilidade e ganho, plena de uma maturidade posta como ideal, a juventude acaba sendo vista no aspecto inverso: como uma categoria social “à qual se pode (deve) tomar atitudes de contenção, intervenção, ou salvação, mas com a qual é difícil estabelecer relação de troca, diálogo, intercâmbio” (ABRAMO, 1997, p.30). Torna-se, então, um desafio abandonar esses conceitos de desenvolvimento que classificam os indivíduos em certos padrões visto que, no momento em que essas teorias são apropriadas pela cultura e pelo senso comum, acabam tornando-se definidoras de realidades.

Por mais que episódios característicos da transição à vida adulta e suas devidas peculiaridades tenham chamado atenção nos resultados da pesquisa, faz-se necessário evidenciar que, nas falas dos jovens, o sentido da palavra responsabilidade vem agregada também a demandas de si e de outras pessoas sobre aquelas determinadas situações e modos de ser, enfatizando tanto a sociedade em geral, como os próprios familiares.

A princípio, os jovens acabaram deixando claro nas suas falas o quanto essa sociedade interfere nos seus modos de agir e perceber o mundo, quando o enquadram em alguma categoria, e o quanto isso pode incomodar, justificando-se no seguinte trecho:

É como se você tivesse um lugar social definido né? Como se quando você tivesse de certa idade pra lá ... Tem essa ideia de quando a pessoa vai ficando mais velho, a pessoa tem a obrigação, esses paradigmas da sociedade de se casar, de arrumar um bom emprego, ter muito dinheiro, construir uma família, geralmente essa família tem que ser um homem, uma mulher, dois filhos e um cachorro [risos]. Tem todo esse contexto já de prender a pessoa. (André, 21 anos).

Algumas narrativas também, como a ilustrada a seguir, propuseram uma reflexão sobre o modo como os jovens se sentem cobrados quando se aproximam de uma determinada idade cronológica e precisam dar conta dessa qualificação que a sociedade exige na chegada ao mundo adulto:

É a cultura que vivemos que coloca esse ideal mesmo pro jovem, [...] a cada dia você tem que mostrar resultado mais rápido e mais rápido. Chegou aos 18, saiu do colégio! E agora, vai fazer o quê? Faça alguma coisa, mostre serviço (Marcos, 22 anos).

De fato, por mais que a idade cronológica ainda se mostre presente na organização social, sendo a responsável pela legitimação dos direitos e deveres do indivíduo na sociedade (PAIS, 2009) – e isto tem sua importância, principalmente na construção de políticas públicas – essa delimitação de faixa etária acaba por impor limites, muitas vezes demarcando momentos exatos de transição de uma fase de vida a outra. A estipulação de que, a partir de certa experiência ou evento, os sujeitos precisam se comportar de maneiras específicas, os priva de se expressarem de formas diferentes daquelas que são esperadas.

Concordamos com Debert (2010) quando destaca que é para uma “descronologização da vida” que as novas categorias etárias têm apontado, e enfatizamos as mudanças ocorridas no mundo pós-moderno, chamando atenção à autonomia presente no sujeito que tem assumido a liberdade de fazer escolhas sobre a sua própria vida, como ter filhos, sair da casa dos pais, se especializar antes de obter um emprego ou preferir trabalhar desde cedo, aliada às diversas formas de subjetivação que não cabem em um modelo que institucionaliza os sujeitos a partir de realidades sociais prontas.

Optamos por também levar em consideração o quanto essas cobranças e visões, que os colocam em um constante processo de evolução no seu curso de vida, os seduz a manterem-se na juventude, aliados às diversas vantagens que podem estar implicadas nessa condição, e os diferentes modos de vivenciá-la.

Os jovens elencaram benefícios por eles vividos como poder morar sozinho, estudar sem precisar conciliar com trabalho, descontração, viagens e atividades de lazer frequentes, o que condiz com a pesquisa de Abramo (2005) que visibilizou a juventude brasileira através das narrativas de jovens que a trouxeram como uma condição em que se pode aproveitar a vida com mais liberdade, pode dedicar-se aos (ou somente aos) estudos, mas principalmente viver com uma menor carga de responsabilidades e uma possibilidade maior de vivências que envolvem mais alegrias e diversão.

Nesse sentido, ainda que a maturidade seja elencada socialmente como um ideal almejado por todos, existem aqueles que preferem manter-se na juventude que, para além de uma fase onde a intenção principal é tornar-se adulto, mudanças nas dimensões pessoal e social da vida dos jovens como sexualidade, trabalho e maiores participações cultural e política dos mesmos fazem com que “viver a juventude” também seja algo almejado.

3.3 Identidades e reconhecimentos: entre quem eu sou e como me reconhecem

Na busca de superar uma visão determinista sobre o conceito de identidade, autores como Souza (2004) e Falcão (2005), aderem ao conceito de Identização (citando MELUCCI, 1992 e MELUCCI, 1994) nos mostrando o caráter processual que é construir a definição de nós mesmos, uma vez que a todo momento estamos nos recriando a partir de experiências e mudanças nas relações sociais. Deste modo, concebemos mais que uma identidade, uma identificação, “um eu múltiplo, que não é uma coisa, mas, um processo de identificação; de negociações constantes entre as diferentes experiências da vida” (FALCÃO, 2005, p.149).

É sob essa perspectiva de (re)negociações consigo e com o outro e, tomando esse processo tanto individual como ativo também nas relações sociais do sujeito, que situamos a entrada na vida adulta entre o reconhecimento de si e o ser reconhecido pelo outro, dando abertura a um conflito entre a definição que nos damos e a definição que nos é dada, já que, como aponta Souza (2004, p. 56) “ninguém constrói sua identidade sozinho, independente do olhar do outro”.

Isso nos sinalizou que a visão que os outros têm em relação aos jovens precisava ser levada em consideração. Além da importância atribuída pelos participantes desta pesquisa ao modo como seus familiares os identificam e reconhecem – enfatizando ainda mais a importância da percepção dos próprios pais, destacam o desejo de que seus pais os reconheçam e aceitem do modo como eles mesmos se veem:

[...] eles têm um reconhecimento não de eu ser adulto, e tal, eles entendem que o que eu sou não condiz com a minha idade que diz no papel e tudo o mais, sabe? Mas eles me aceitam assim, graças a Deus (Alan, 22 anos).

Ainda sobre essa perspectiva do reconhecimento, um dos jovens entrevistados afirmou que o fato de trabalhar e manter-se financeiramente quase por completo faz com que ele mesmo e seus familiares o reconheçam como adulto, e que é a partir disso que precisa agir como tal,

citando “atrocidades juvenis” (exemplificadas pelo uso de bebidas alcóolicas, pouca “noção financeira”, “fotos imaturas” nas redes sociais) que têm que ser cometidas longe dos seus pais para não os preocupar e não fazer com que eles comecem a vê-los de outra maneira.

Tal afirmação nos levou a refletir o motivo pelo qual tais “atrocidades”, como citado, estejam relacionadas ao modo de ser juvenil; ao mesmo tempo, questionamo-nos acerca do porquê de tais comportamentos identificados como “não adultos” serem discriminados pelos próprios jovens que escolhem fazê-los escondido.

Abramo (1997) ajuda-nos a tecer essa reflexão quando afirma que, na conjuntura brasileira, é difícil ir além de uma consideração juvenil que normalmente está relacionada a problemas sociais. Segundo a autora, temas como drogas, prostituição, doenças sexualmente transmissíveis e violência, aliados a comportamentos como rebeldia, delinquência e falta de compromisso social, quando associados à juventude, contribuem ainda mais com o enquadramento da mesma como uma fase passageira e atrelada a dificuldades.

Quando vista como um modo de integração à vida adulta, as “falhas” consideradas nesse processo acabam ganhando foco de preocupação política e social, uma vez que os modos de ser juvenil passam a ser vinculados a um momento delicado que demanda cuidados e adequação a moldes normativos da sociedade. A juventude passa a ser um tempo permissível para comportamentos que são considerados não toleráveis quando praticados por um adulto, e é por esse motivo que no momento em que o sujeito adquire alguma responsabilidade fazendo com que a sociedade o reconheça como adulto (seja ela a entrada no mercado de trabalho ou formação de uma família, por exemplo), certos comportamentos têm que ser abolidos de sua vida, e daí a justificativa para alguns jovens desejarem o prolongamento da vida juvenil.

Ao mesmo tempo - e talvez até por isso - Sousa (2007), a partir de pesquisas realizadas, nos faz refletir sobre a existência de um número cada vez maior de adultos desestabilizados ou insatisfeitos com sua vida familiar ou com seu trabalho, fazendo com que se eleve o número de jovens e até mesmo de adultos que tendem a adotar uma postura pessimista frente a essa etapa de vida.

No momento em que a vida adulta é vista como uma idade referencial e sem problemas, esquece-se da importância da mesma na vida dos sujeitos e isso, inclusive, justifica a falta de estudos e investigações sobre novas formas de ser adulto no contemporâneo, interferindo nesse medo de

“crescer”, “de ser adulto” que, para a autora: “pode dar-se, exatamente, porque se desconhece o que significa, nos dias de hoje, viver nesta fase de vida” (SOUSA, 2007, p.59).

Esse receio refletiu-se em algumas narrativas que evidenciaram a necessidade de se manter jovem, ou até mesmo adolescente, o máximo de tempo possível. Destacamos a declaração de um jovem que se identificou na entrevista como adolescente, alegando desejar

[...] parar na juventude porque eu não quero esse negócio de ter muita responsabilidade, nem de sacrifícios que a pessoa tem que fazer né? Principalmente quando vem essa história de família e tudo o mais, relacionamento e essas complicações, eu acho que não é muito minha praia não (Marcos, 22 anos).

Contudo, Camarano, Mello e Kanso (2006) defendem que o mundo adulto não tem sido suficientemente rígido para que de alguma forma, em alguns momentos, não seja também instável. Para eles, mesmo que alguns padrões sejam instituídos e/ou esperados, não tem existido consenso de qual evento específico marque a passagem para uma vida adulta, já que

deixar a casa dos pais ou de origem, por exemplo, nem sempre coincide com a saída da escola ou com o casamento; a obtenção do primeiro emprego pode se dar quando o jovem ainda é estudante; a coabitação com um cônjuge pode ocorrer antes do casamento, bem como a parentalidade e assim por diante (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2006, p. 18).

Assim é que a vida adulta pode estar caracterizada tanto por um efeito de estabilidade e experimentação, como ligada a riscos, imprevistos e flexibilidades, caracterizando uma fase em desestabilização, mas também em situação potencializadora, sinalizando oportunidades e projetos que cabem ao adulto investir ou não (SOUSA, 2007). Foi o que nos trouxe um dos jovens, quando explica o porquê de reconhecer seu pai como adulto quando, mesmo citando autonomia e liberdade, fala dos “sacrifícios da vida” pelos quais ele teve que passar e que, na sua opinião, é a característica fundamental desse modo de ser adulto. Fala, ainda, que

[...] quando você vai ficando adulto e começam a acontecer coisas na sua vida e você tem que tomar decisões maduras, você vai acabar certa hora tendo que fazer sacrifícios, e eu acho que adulto é isso, independente de ser bom ou ruim pra você, você saber que tem que sacrificar, mesmo sendo a pior escolha pra você ou a melhor escolha pra outra pessoa (Alan, 22 anos).

Dessa forma, concebendo a juventude como um momento permeado por vivências e multiplicidade de escolhas do jovem, refletimos também até que ponto podemos enxergá-la como um tempo inteiramente isento de responsabilidades, se é a partir de escolhas que fazemos que

damos sentido a quem somos. A noção de responsabilidade ainda se mostra delicada para que se defina a passagem da juventude para uma vida adulta visto que, como nos aponta Müller (2005, p. 78):

tantos jovens de classes trabalhadoras, que entram no mundo do trabalho precocemente, como jovens de camadas médias, com agendas lotadas de atividades escolares, eventos sociais e ocupações voltadas para a sua formação profissional, estão cheios de responsabilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um questionamento sobre o olhar cientificista tradicional da Psicologia, que certifica etapas de vida como sendo divididas em ciclos lineares e que, portanto, restringem a pluralidade de significados que perpassam os sujeitos, enquadrando-os em identidades e modos de ser instituídos, buscamos discutir questões suscitadas em uma pesquisa acadêmica realizada junto a jovens universitários.

O referido estudo apostou na existência de peculiaridades nas vivências de diferentes jovens ao longo de sua trajetória de vida, buscando compreender sentidos a partir de eventos e situações referidas por eles como possíveis experiências de maturidade, que não se restringiam a faixas etárias ou eventos específicos anunciados como ritos de passagem cristalizados.

A partir do caminho bibliográfico percorrido e da análise de informações construídas com os participantes de uma oficina reflexiva e de entrevistas semiestruturadas, chamou-nos atenção o contexto juvenil discutido como sendo um processo de transição à aquisição de papéis sociais adultos. Viu-se como relevante discutir, ainda, a influência da aquisição de responsabilidades nos modos como os jovens se reconhecem, bem como as expectativas provocadas pela faixa etária e as distintas necessidades de reconhecimento.

Acreditamos que existe uma referência adultocêntrica - marcada sobremaneira pela noção de estabilidade - que permeia os discursos sobre a juventude e que a visibiliza como processo de desenvolvimento problemático, impedindo que a mesma seja percebida na pluralidade de significados que perpassam as experiências juvenis, sendo importante destacar que estas cobranças e referências também fazem parte do próprio universo de expectativas dos jovens.

Percebemos que as responsabilidades diárias ainda se mostraram como um fator decisivo no reconhecimento dos mesmos enquanto adultos e até maduros, o que nos fez, então, destacar a emergência de estilos de vida que vêm fugindo de uma sequência tradicional de fases, dando possibilidade a diversas outras experiências além do que é esperado.

E sobre esses modos de reconhecimento, o estudo vislumbrou um universo de “identização” influenciado também pelas opiniões dos outros. O que não poderia ser diferente, visto que familiares, amigos e colegas de profissão são participantes e atuantes nas suas vidas. Mas foram as divergências encontradas nos modos como os outros e eles mesmos se veem, que trouxeram a importância de um posicionamento mais ativo dos jovens a este respeito, já que isso diz das suas trajetórias de vida e dá sentido a quem eles são.

Esta pesquisa se mostrou importante para que reflitamos uma superação das visões de juventude associadas a problemas sociais, trazendo um protagonismo ao jovem, para que consiga se expressar de formas mais ativas na sociedade, sem se sentir vulnerável diante das posições sociais que o enquadram, assumindo, simultaneamente, suas particularidades e pluralidades, e concebendo seus caminhos pautados pela diferença.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. (Org). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H.W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, p. 25-35, 1997. Disponível em: < http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2017

ALMEIDA, A.M.O.; CUNHA, G.G. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psic. Reflexão e Crítica**, n. 1, vol.16, p. 147-155, 2003. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16806.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

BARDIN, D. M. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNI, V.L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n.1, p. 126-136, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2018.

BOCK, A.M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 14.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAMARANO, A. A.; LEITÃO E MELLO, J.; KANSO, S. Do nascimento à morte: principais transições. In CAMARANO, A. (org) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CORDEIRO, A.C.F; MENEZES, J.A.; CASTRO, L.R. **Oficinas da cidade em Fortaleza**. Psic. Reflexão e Crítica, n.1, v.15, p. 53-61, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722002000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 mai. 2017.

DEBERT, G.G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n.34, p.49-70, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/sciel o.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200003>. Acesso em: 14, abr. 2018.

FALCÃO, A.P. Juventude e identidade regional: entre o particularismo e o universalismo. IN: ALVIM, R.; QUEIROZ, T.; FERREIRA, E. (Orgs.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Revista Paideia**, v.14, n.28, p. 139-152, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 28 jul. 2017.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GUERREIRO, M.D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.58, p.157-175, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n58/25633.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018

LEÓN, O. D. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org.) **Juventude e adolescência no Brasil**: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

Mayorga, C. Identidades e Adolescências: Uma Desconstrução. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. V.1, n.1, p. 1-22, 2006. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/Identidades_e_Adolescencias_-_C_Mayorga.pdf>. Acesso em 16 abr. 2018.

MENDONÇA, E. S. **Práticas discursivas sobre participação política juvenil**: entre os prazeres, orgulho e sacrifícios. Recife: O Autor, 2008.

____ **Entre políticas de adesão e políticas de transformação:** construções e expressões de subjetivação política em jovens militantes. Tese (Doutorado em Psicologia) -Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

MENDONÇA, M.P.G. **Processo de Transição e Percepção de Aduldez:** Análise Diferencial dos Marcadores Identitários em Jovens Estudantes e Trabalhadores. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia: Universidade do Porto, 2007.

MÜLLER, E. “As palavras nunca voltam vazias”: Reflexões sobre classificações Etárias. In:ALVIM, R.; QUEIROZ, T.; FERREIRA, E. (orgs.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

PAIS, J. M. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p. 371-381, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000300003> Acesso em 23, out. 2017.

PIMENTA. M. M. **“Ser jovem” e “ser adulto”:** identidades, representações e trajetórias. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em sociologia: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.

SOUSA, F. C. O que é “ser adulto”: as práticas e representações sociais sobre o que é “ser adulto” na sociedade portuguesa. **Revista Moçambros:** acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, n.2, p. 56-69, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambros.org>> Acesso em: 14, abr. 2018.

SOUSA, J.T.P. **Apresentação do dossiê:** a sociedade vista pelas gerações. Política e Sociedade. Santa Catarina, v.5, n. 8, p. 09-29, abril. 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1802/1561>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SOUZA, C.Z.V. Juventude e Contemporaneidade: possibilidades e limites. **Última década**, n.20, p.47-19, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000100003> Acesso em: 17, jan. 2018.

SOUZA, S.J. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMMER, S.; LEITE, M.I. (orgs). **Infância:** fios e desafios da pesquisa. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

VERONESE, M. V.; LACERDA, L.F.B. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine. **Revista Soc. e cult.** v. 14, n.2, p. 419-426, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/17616/10568>>.Acesso em: 16 fev. 2018